



## **A Vida de Galileu: Reflexões Artísticas e Científicas do Teatro de Brecht.**<sup>1</sup>

Francenilza Viana de Souza Silva<sup>2</sup>  
Selda Vale da Costa<sup>3</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo objetiva possibilitar reflexões referentes à obra “A vida de Galileu”, do dramaturgo alemão Bertolt Brecht e escrita no ano de 1939, em uma perspectiva analítica que articula teatro e ciência. As análises realizadas estão organizadas em três momentos. No primeiro momento será apresentado o autor e um breve resumo da obra citada. Na sequência será analisado como se dá o efeito de distanciamento, principal característica do teatro épico na dramaturgia de Brecht, principalmente na obra referida. No terceiro e último momento serão apresentadas as conexões existentes entre teatro e ciência, a partir da compreensão da peça de Brecht e dos estudos de Kuhn (1991) e Capra (1982). A dicotomia entre arte e ciência, através do olhar para a peça de Brecht se estreitam, pois é uma dramaturgia filosófica que ajuda a compreender a arte a partir de princípios científicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciência; Teatro; Brecht

### **BRECHT E O TEATRO DE RESISTÊNCIA: UM BREVE RESUMO DA OBRA A VIDA DE GALILEU**

O dramaturgo e poeta alemão Bertolt Brecht (1898-1956) é considerado um dos maiores autores do século XX. Seu teatro político e de resistência, conhecido como Teatro Épico, desperta uma postura crítica em seu espectador, pois em muitas obras criticava o

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT 8 (Imaginário, Política Científica e Relações de Poder ) do III Sisultura.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa Sociedade e Cultura na Amazônia-PPGSCA. UFAM. Licenciada em Teatro pela Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Professora de Arte da Secretaria de Educação do Amazonas-SEDUC.

<sup>3</sup> Doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora adjunto da Universidade Federal do Amazonas. Membro permanente do Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



modo de produção capitalista. Brecht “aspirava um teatro próprio de uma época científica” (BRECHT, 1967, p. 01). Após a ascensão de Hitler ao poder em 1933, Brecht teve que se exilar de seu país, indo morar, entre outros lugares como nos EUA.

O dramaturgo sempre defendeu um teatro que estimule o pensar através da arte. Escrevendo sobre seu teatro ele comenta: “Trataremos o teatro como um recinto de diversão, único tratamento possível desde que o enquadremos numa estética, e analisemos, pois, qual a forma de diversão que mais nos agrada?” (BRECHT 1967, p. 01). A decisão é nossa de sermos ou não analfabetos artísticos, políticos da vida.

A dramaturgia que norteará as reflexões propostas refere-se a vida do físico, matemático e astrônomo que viveu no século XVII, Galileu Galilei (1564-1642). A peça, “A vida de Galileu”, escrita por Bertolt Brecht em 1939, mostra o drama do professor universitário da cidade de Pádua-Itália, que tenta sobreviver de suas pesquisas para sustentar sua filha Virgínia, que é noiva de Ludovico, um rapaz de família rica, e também manter as contas da casa, coisa que infelizmente não conseguia por ganhar pouco. O professor Galileu Galilei faz profundas e significativas descobertas no campo da astronomia. Através de suas pesquisas, constata que o sistema de Ptolomeu sobre o sistema solar não estava correto, pois esta teoria afirmava que era o sol que estava em movimento em torno na terra e não o contrário. Apoiando-se nos estudos do Sistema Copernicano do universo, que afirmava o contrário (que a terra era que girava em torno do sol), e com o aperfeiçoamento que fizera do telescópio, pode fazer observações mais precisas dos corpos celestes e comprovar a teoria de Copérnico. Brecht, em toda a peça, apresenta algumas rimas como forma de distanciamento e reflexão do espectador. Quanto a descoberta de Galileu ele escreve:

O fogo no rabo da ideia pegou No  
ano de mil seiscentos e nove:  
O cientista Galileu pôr  $a + b$  calculou  
Que o sol não se mexe. Que a terra se move. (BRECHT,  
1991, p.56)

A rima é um recurso estilístico que o autor usa como forma de crítica social e para trazer o espectador para a história, como é o caso da citação acima.

Para continuar suas pesquisas muda-se para Florência. Lá os padres e os estudiosos não dão muito crédito às suas descobertas. No entanto seu prestígio aumenta e lhe rende muitos estudantes e o Instituto de Pesquisa do Vaticano num primeiro momento confirma suas descobertas.

No entanto, colocar em cheque a teoria já consolidada, que a igreja tinha como verdade absoluta, não foi fácil. Ele teve que voltar atrás e negar suas pesquisas e ficou oito anos em silêncio. Sentiu-se mais encorajado com a ascensão de um papa cientista (Urbano VIII) que era matemático e retornou os estudos das manchas solares e os satélites de Júpiter, que fora proibida de realizar. Sua fama foi grande. Durante as festas carnavalescas, na terça-feira de carnaval do ano de 1632, foi amplamente divulgada por foliões a teoria de Galileu. Com muitos panfletos e jograis as ruas cantavam a novidade e de forma bastante alegórica desrespeitavam e debochavam do cientista:

De um salto ergueu-se o doutor Galilei,  
Botou fora a Bíblia, sacou do telescópio,  
Lançou um olhar ao Universo E disse ao  
Sol: parado, Sol! Parado! De agora em  
diante a creatio Dei Vai virar, virará por  
outro lado.

De agora em diante a moça fina, ei!  
Virará! Vai servir o seu criado.  
(BRECHT, 1991, p.138)

O Colégio Romano decidiu não acatar mais suas pesquisas. Galileu fica com medo de acontecer com ele o mesmo que acontecera com Giordano Bruno, cientista que foi queimado vivo no ano de 1600 pela santa inquisição, por se negar a abjurar suas pesquisas, que defendia o universo como uma coisa viva, regido por uma mesma lei.

Em 1633 a inquisição convoca Galileu à Roma para que também abjure suas pesquisas. Decepcionando seus seguidores, Galileu Galilei assina o documento que nega suas descobertas científicas referente ao movimento da terra. Ele é condenado a viver recluso sob a observação da santa inquisição. Foi, viver como prisioneiro da igreja em



uma casa de campo até o ano de 1642, ano de sua morte. Porém, ele não se rendeu à sua condenação, e mesmo preso, Galileu escreveu sua última obra: *Os Discorsi*, “os Diálogos sobre duas ciências novas: a mecânica e a queda dos corpos” (1637). De forma clandestina, Andrea, seu seguidor incondicional, levou uma cópia desses estudos para Amsterdã, e entende que o mestre se recusou a morrer não por medo ou covardia, mas porque precisava de tempo para concluir esta sua última obra. Para alguns, o verdadeiro exercício de coragem é deixar-se morrer em vida para poder deixar um legado de conhecimento ainda maior às futuras gerações. Penso que a opção de Galileu se aproxima dessa perspectiva. Bertolt Brecht assim como Galileu prefere deixar a Alemanha Nazista, que naquele momento o perseguia e resolveu produzir em outros países.

### **O EFEITO DE DISTANCIAMENTO NA OBRA “A VIDA DE GALILEU”.**

O dramaturgo Bertolt Brecht, ao estruturar seu teatro, intitulado por ele de teatro épico, cria recursos na ação teatral que possibilita tanto os atores como os espectadores a se afastarem da ação dramática para refletirem sobre as questões tratadas em cena. Ele chama este recurso de Efeito de Distanciamento, que se opõe ao teatro aristotélico que cria uma realidade mágica. Segundo Anatol Rosenfeld, um grande estudioso do teatro alemão, a obra de Brecht decorre:

Do intuito didático, da intenção de apresentar um palco científico capaz de esclarecer o público sobre a sociedade e sobre a necessidade de transformá-la. O fim didático exige que seja eliminada a ilusão, o impacto mágico do teatro burguês. (ROSENFELD, 1977, p.150)

Esta catarse que configura o efeito mágico do teatro aristotélico que provoca no espectador repouso, sempre foi contestada por Brecht. Ao afirmar o objetivo didático de suas peças, o autor possibilita um entendimento do que quer transmitir no palco, e para isso, desenvolveu o “Efeito de Distanciamento”, que Rosenfeld explica que “ao distanciar-se do personagem, o ator-narrador, dividindo-se a si mesmo em pessoa e personagem, deve revelar a sua opinião sobre este último” (ROSENFELD, 1977, p.19). O

próprio Brecht, em seu Pequeno Organon para o teatro, explica o efeito do distanciamento:

O Teatro, com suas reproduções do convívio humano, tem de suscitar no público uma visão semelhante, visão tão difícil quanto fecunda. Tem de fazer com que o público fique assombrado, o que conseguirá, se utilizar uma técnica que o distancie de tudo que é familiar. (BRECHT, 1967, p. 48)

Observamos que o autor não pretende deixar o espectador na ignorância, e para isso lhe dá informações para que este possa ter uma compressão mais profunda em relação ao tempo, lugar, além do contexto histórico da trama. A ignorância dos fatos não faz parte das obras de Brecht, forçando seu espectador a tomada de decisões. Muitos estudos já foram realizados quanto ao recurso do distanciamento em seu teatro. Entre eles Izabel Bitazi (2008), que analisa este aspecto de sua obra como um elemento despertador da consciência. Comenta que:

Brecht enfatizou a importância de que os espectadores não devem esquecer, no momento em que estão assistindo a uma peça, “suas respectivas ocupações”. É preciso, pois, que esses “revolucionários”, apreciem o espetáculo de modo distanciado, pois é dessa maneira que eles poderão avaliar criticamente a realidade representada e, conseqüentemente, poderão transformar efetivamente a ordem social vigente (BITAZI, 2008, p.77).

Cumpra-se a função social de seu teatro. Esta análise de Bitazi em relação ao distanciamento deixa claro que o grande foco do teatro épico é o espectador e sobretudo as atitudes e gestos deste em relação as transformações de um contexto social. Na dramaturgia “A Vida de Galileu”, cada episódio ou ato inicia com um texto introdutório, no qual situa e possibilita ao espectador ter uma melhor compreensão do contexto histórico e social da trama. Observa-se que no episódio 3 as informações dadas pelo autor dão um norte para uma melhor compreensão da cena, cumprindo-se o efeito de distanciamento em seu teatro:

**Cena 3** -10 de janeiro de 1610. Servindo-se do telescópio, Galileu descobre fenômenos celestes que confirmam o sistema copernicano. Advertido por seu amigo das possíveis conseqüências de sua pesquisa, Galileu afirma a sua fé na razão humana (BRECHT, 1991, p. 73).

Em todas as 15 cenas da peça, Brecht apresenta um enunciado ampliando ao espectador as possibilidades de interpretar a dramaturgia. Na cena a seguir, observamos no diálogo do personagem Galileu com o jovem Andrea, que Brecht amplia a acessibilidade tanto às descobertas científicas quanto da arte teatral:

**Galileu** - É um astrolábio; mostra como as estrelas se movem à volta da Terra, segundo a opinião dos antigos.

**Andrea** - E como é?

**Galileu** - Vamos investigar, e começar pelo começo: a descrição.

**Andrea** - No meio tem uma pedra pequena.

**Galileu** - É a Terra.

**Andrea** - Por fora tem cascas, uma por cima da outra.

**Galileu** - Quantas?

**Andrea** - Oito.

**Galileu** - São as esferas de cristal.

**Andrea** - Tem bolinhas pregadas nas cascas.

**Galileu** - As estrelas.

**Andrea** - Tem bandeirinhas, com palavras pintadas.

**Galileu** - Que palavras?

**Andrea** - Nomes de estrelas.

**Galileu** - Quais?

**Andrea** - A bola embaixo é a Lua, é o que está escrito. Mais em cima é o Sol.

**Andrea** É bonito. Mas nós estamos fechados lá no meio.

**Galileu** - É, foi o que eu também senti, quando vi essa coisa pela primeira vez: Há mais gente que sente assim. Há dois mil anos a humanidade acredita que o Sol e as estrelas do céu giram em torno dela. O papa, os cardeais, os príncipes, os sábios, capitães, comerciantes, peixeiras e crianças de escola, todos achando que estão imóveis nessa bola de cristal. Mas agora nós vamos sair, Andrea, para uma grande viagem. Porque o tempo antigo acabou, e começou um tempo novo. (BRECHT, 1991, p. 58)

O trecho mostra que ao contrário do teatro aristotélico, onde o espectador se anestesia pela ação dramática, neutralizando de certa forma sua autonomia, o teatro épico amplia e potencializa suas ações. Isto acontece com o personagem Galileu, que descobrindo novos corpos celestes e a ordenação da rotação e translação da terra, não quer que as pessoas fiquem na ignorância, deseja que a verdade chegue ao conhecimento de todos, democratizando a ciência como Brecht deseja democratizar o teatro

Como característica do teatro brechtiano, o “Efeito de Distanciamento” acontece não apenas na fala dos personagens, como também nas didascálias<sup>4</sup>. O autor utiliza-se de outros recursos para atingir o espectador e transmitir à estes os conhecimentos necessários referentes a obra como também fazer críticas e até mesmo provocar deboches, como o exemplo da Cena 10:

Entram dois homens esfarrapados, puxando um carrinho. Sentado num trono ridículo está agora “o Grão-Duque de Florença”, uma figura vestida de estopa e de coroa de papelão, com o olho aplicado a um telescópio. No alto do trono, um cartaz: “Comeu e não gostou”. Em seguida, a passo de marcha, entram quatro mascarados, carregando um toldo grande. Param e jogam para o alto um boneco, representando um cardeal. Um pouco à parte, aparece um anão com um cartaz: “A nova era”. Um mendigo se destaca da multidão, ergue-se e procura dançar sobre as suas muletas, até cair ao chão, com grande estardalhaço. Entra um boneco gigantesco, Galileu Galilei, que se inclina diante do público. À sua frente, uma criança carrega uma Bíblia enorme, aberta, com as folhas riscadas em X. (BRECHT, 1991, p. 140)

Os recursos como cartazes (que muitas vezes são utilizados como forma de protestos e mostrar verdades ocultas), vídeos (as projeções são bastantes utilizadas, pois com as imagens fica difícil negar a verdade contestada), voz em off (quando se ouve a voz do diretor ou de uma gravação denunciando algo), panfletos, intervenção do narrador, entre outras formas de chegar no espectador, possibilitando a não alienação deste. Estes recursos empregados na ação teatral é o que imprimi o aspecto revolucionário ao teatro de Bertolt Brecht.

## **TEATRO, CIÊNCIA E QUEBRA DE PARADIGMAS: ALGUMAS APROXIMAÇÕES**

A obra de Brecht “A vida de Galileu” nos traz muitas possibilidades de reflexões acerca da arte e sua relação com a filosofia, as ciências naturais, as ciências sociais como também com um bom entendimento do contexto histórico. Portanto, a arte dialoga com a

---

<sup>4</sup> Dicas ou indicações de cena. Conhecido como rubrica, que vai indicando todas as ações da cena.



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



vida. Nesta dramaturgia, Brecht transplanta para o século XX a mentalidade de resistência às mudanças vivenciadas no século XVII, época de Galileu. Assim, traz muitas reflexões e conexões acerca da ciência moderna, pois a resistência ao novo não aconteceu só no período em que vivera o cientista Galileu Galilei. No Brasil, na década de 70, no regime militar, também houve perseguição à ciência e aos pesquisadores. Os cientistas da Fiocruz, por exemplo, foram perseguidos em função de suas pesquisas. O diretor teatral Daniel Herz montou o espetáculo de Brecht, em 2016, e teve como palco o Museu da Vida, da Fiocruz, para retratar o episódio que ficou conhecido como *O Massacre de Manguinhos*, fato que virou pesquisa em simpósio nacional. Santana comenta que:

É nesse cenário que podemos enquadrar um episódio pouco explorado da história científica brasileira, *o Massacre de Manguinhos*, evento ocorrido no Instituto Oswaldo Cruz em 1º de abril de 1970 e caracterizado pelo súbito fechamento de produtivos laboratórios de pesquisa básica, a destruição de importantes coleções entomológicas e zoológicas, além da aposentadoria compulsória de dez dos mais renomados cientistas do órgão. (SANTANA, 2017, p.2)

O autoritarismo da época de Galileu é igualmente retratado pelo autoritarismo na época do governo militar no Brasil, que não só a ciência como a arte (através da censura) foram rechaçadas.

Capra, em sua obra “O Ponto de Mutação” (1982), discorre sobre a necessidade de abertura de mentalidade para as novas descobertas:

A nova concepção do universo físico não foi facilmente aceita, em absoluto, pelos cientistas do começo do século. A exploração do mundo atômico e subatômico colocou-os em contato com uma estranha e inesperada realidade que parecia desafiar qualquer descrição coerente. (CAPRA, 1982, p.8)

Novos conceitos, mudanças de ideias já eram bem latentes também nas pesquisas de Galileu. Na dramaturgia de Brecht, na cena 3, ao conversar com Segredo, seu amigo, sobre suas comprovações em relação ao movimento da terra, ele deixa claro que o que importa é a razão e que um novo momento está por vir, quando afirma em sua fala:





III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



**Galileu-** Claro. E agora estamos vendo. Não pare de olhar, Segredo. O que você vê é que não há diferença entre céu e terra. Hoje, dez de janeiro de 1610, a humanidade registra em seu diário: Aboliu-se o céu. (BRECHT, 1991, p. 75)

Também comungando com uma nova forma de olhar e entender o mundo, Capra escreve sobre a necessidade de o vermos de forma mais global. Aborda a visão holística<sup>5</sup> e integradora do planeta. Como Galileu, Capra deseja um novo paradigma para a humanidade. Defende não só uma integração das ciências, mas de todas as áreas do conhecimento e reforça isso quando afirma que:

Precisamos, pois, de um novo "paradigma" — uma nova visão da realidade, uma mudança fundamental em nossos pensamentos, percepções e valores. Os primórdios dessa mudança, da transferência da concepção mecanicista para a holística da realidade, já são visíveis em todos os campos e suscetíveis de dominar a década atual (CAPRA, 1982, p.8)

Esses novos rumos que Capra apresenta para o conhecimento, Brecht defende em seu teatro político. Na dramaturgia “a Vida de Galileu”, Brecht, de forma muito poética, reflete sobre a relação do homem com o mundo e explicita isso na dramaturgia quando mostra a conversa de Galileu com seu discípulo Andrea sobre suas descobertas: “a Terra rola alegremente em volta do Sol, e as mercadorias de peixe, os comerciantes, os príncipes e os cardeais, e mesmo o papa, rolam com ela”. (BRECHT, 1991 p.50). Observa-se uma forte relação do teatro de Bertolt Brecht com as questões científicas. Reforçando os estudos entre arte e ciência, mister se faz uma análise de suas fronteiras, pois para Brecht “não devemos esquecer que somos filhos de uma era científica” (BRECHT, 1967, p.2). As relações humanas estão muitas vezes condicionadas pela ciência e para Brecht a arte nos aproxima deste entendimento. O autor afirma que “é, sobretudo, o desejo de desenvolver a nossa arte em diapasão com a época em que ela se insere que nos impele, desde já, a deslocar o nosso teatro, o teatro próprio de uma época

---

<sup>5</sup> O termo "holístico", do grego "holos", "totalidade", refere-se a uma compreensão da realidade em função de totalidades integradas cujas propriedades não podem ser reduzidas a unidades menores. (N. do T. ) CAPRA Fritjof. 1982,pg.08

científica”. (BRECHT1967, p.20). A obra reflete também sobre a problemática do paradigma nas questões científicas. Observamos neste trecho:

**Galileu-** Predigo que a astronomia será comentada nos mercados, ainda em tempos de nossa vida. Mesmo os filhos das peixeiras quererão ir à escola. Pois os habitantes de nossas cidades, sequiosos de tudo que é novo, gostarão de uma astronomia nova, em que também a Terra se mova. O que constava é que as estrelas estão presas a uma esfera de cristal para que não caiam. Agora juntamos coragem, e deixamos que flutuem livremente, sem amarras, e elas estão em grande viagem, como as nossas caravelas, sem amarras e em grande viagem. (BRECHT, 1991, p. 58)

Na fala do personagem Galileu, observamos o questionamento referente a um paradigma que era tido como verdade absoluta no meio científico, o movimento da terra. Os paradigmas, segundo Kuhn (1991, p.13) “são as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”. Quando o personagem Galileu coloca em cheque uma verdade que se mantém inabalável por quase mil anos, ele mexe com algumas estruturas e derruba paradigmas. Kuhn, quando explica esta problemática, possibilita uma reflexão sobre a ciência no que diz respeito as disputas que acontecem entre as diferentes concepções da natureza, como é o caso da trama da dramaturgia em questão (Astronomia Ptolomaica ou Copernicana). Para Kuhn as novas descobertas não anulam totalmente a antiga, mas sim como um modelo, “a transição sucessiva de um paradigma a outro, por meio de uma revolução, é o padrão usual de desenvolvimento da ciência amadurecida” (KUHN, 1991, p. 32). Observa-se que essas transições de padrões científicos só podem acontecer com maturidade e comprometimento com a ciência.

Brecht defende um teatro de pesquisa, estabelece uma forte relação deste com a ciência. A relação com as questões sociais é bem marcante em suas obras, pois emprega as teorias marxistas, que viriam a influenciar grande parte de seu repertório. Reflete sobre as transformações sofridas pela sociedade. O conceituado filósofo e crítico de arte Walter Benjamim ao estudar este aspecto social do teatro brechtiano comenta que o “teatro político, do ponto de vista social se limitou a franquear ao público proletário posições que



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



o aparelho teatral havia criado para o público burguês”(BENJAMIM,1987, p. 79). Observa-se que Benjamim explica o caráter democrático do teatro épico, como também o entendimento do palco. Este (palco), ao invés de ser um espaço mágico como no teatro aristotélico, funciona como um sala de reunião. Podemos entender melhor este aspecto dialético do teatro de Brecht quando Benjamim explica que:

A tarefa maior da direção épica é exprimir a relação existente entre a ação representada e a ação que se dá no ato mesmo de representar. Se todo programa pedagógico do marxismo é determinado pela dialética entre o ato de ensinar e o de aprender, algo análogo transparente, no teatro épico, no confronto constante entre a ação teatral, mostrada, e o comportamento teatral, que mostra essa ação. O mandamento mais rigoroso desse teatro é que “quem mostra” - o ator como tal - deve ser “mostrado”. (BENJAMIM, 1987, p.88)

Percebemos que Benjamim também faz uma análise científica de uma importante característica do teatro de Bertolt Brecht, que é o uso do distanciamento. Neste recurso o ator não só mostra o personagem como mostra a si mesmo, fazendo com que o espectador tenha diferentes pontos de vista em relação a obra. É um teatro da era científica. Em “a vida de Galileu” essas relações são bem presentes. No capítulo 4, quando já em Veneza, vai apresentar seu invento aos doutores da ciência e ele se depara com um muro humano de resistência. Nem ao menos aceitaram realizar um experimento da invenção para constatar os fatos, o que Galileu esperava deles como cientistas: “Mas se os senhores puderem constatar esses movimentos? Isso não indicaria aos senhores que essas esferas de cristal não existem? Meus senhores, eu lhes peço com toda a humildade que acreditem nos seus olhos” (BRECHT, 1991, p. 94).

Percebemos aqui que para existir uma mudança precisa-se apenas aceitar o novo, permitir-se experimentar. Galileu desejava uma ciência desenvolvida com muita observação e experimento. Causou divergência de opinião entre o clero e a comunidade científica. Muitos destes o perseguiram e o hostilizavam.

Brecht, com seu efeito de distanciamento, provocou uma revolução na arte teatral, quebrando paradigmas que se mantinham por muito tempo. Da mesma forma a ciência revoluciona quando é exercida de forma ética e comprometida com a vida humana.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todo contexto social, as mudanças nem sempre se dão de forma tranquila. Esses processos, tanto nas artes como na ciência se dão de forma lenta, tensa e revelam resistência ao novo.

O estudo da dramaturgia de Brecht possibilitou a reflexão da desconstrução de alguns saberes. “A Vida de Galileu” desconstruiu paradigmas da arte teatral (teatro aristotélico), usando como analogia uma dramaturgia que retrata em seu enredo exatamente a busca de um novo paradigma, expresso nas pesquisas de Galileu Galilei. Através da peça, o autor provoca inquietação ao seu espectador, pois possui um caráter transformador e revolucionário. Deixa claro isso quando discute no palco a quebra de paradigmas no campo das ciências, no caso da dramaturgia que levantou a questão da morte simbólica, que elimina as pessoas que representam um pensamento novo.

A arte teatral, assim como as transformações científicas, desestabiliza e inquieta. Como a fala do personagem Galileu: “aboliu-se o céu”, é necessário abolir a pesquisa, os incentivos, a experiência, o pensamento, o texto, a cena, o espaço, o corpo, o espectador, alforriando-os de antigas concepções dramáticas e científicas. Quebrar as esferas de cristal que nos prende as formas rígidas de criação. Aboli o céu é aboli as limitações de pensamento.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIM, W. **Arte e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo. Editora Brasiliense, 1987.

BITAZI, F. I. **O distanciamento e o *gestus* social em “a vida de Galileu”**: elementos despertadores da consciência revolucionária. Revista: A cor das letras: Imagens da cultura, linguagens e mediações-UEFS-BA, Nº 9, 2008



III Seminário Internacional em  
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



BRECHT, B. **Pequeno organon para o teatro** In: Idem. Teatro Dialético. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967

\_\_\_\_\_, B. **A vida de Galileu**. In: Idem. Teatro completo. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991

CAPRA, F. **Ponto de Mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura. Trad. Alvaro Cabral. Bantama, Cultrix, 1982

KUHN, S. T. **A Estrutura das Revoluções Científicas**: coleção Debates. São Paulo: Perspectiva, 1991

ROSENFELD. A. **Teatro Moderno**: coleção Debates. São Paulo: Perspectiva, 1977

SANTANA, M. S. **O Massacre de Manguinhos**: segurança, desenvolvimento e o campo científico da saúde na ditadura civil-militar (1964-1973). Anais do XXIX Simpósio Nacional de História- contra os preconceitos: história e democracia. ISBN: 978-85-98711-188. Editorial 98711 Prefixo 2017